

## **O ENTRE-LUGAR DA ESCOLA E DAS CULTURAS EM IMAGENS PRODUZIDAS POR ESTUDANTES**

Nivea Andrade<sup>1</sup>  
Beatriz Souza<sup>2</sup>  
Julia Gurgel<sup>3</sup>

**Resumo:** Analisando a experiência de um laboratório de imagens e sons, desenvolvido em uma escola pública, no Andaraí, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, este texto apresenta reflexões sobre os processos de significação da liberdade na escola. Durante a realização do projeto, intitulado *Deixa a Escola Falar*- redes de conversa e autorrepresentação sobre escolas, políticas e cotidianos, os estudantes foram convidados a produzirem imagens fotográficas sobre o tema *ser livre na escola*. Este material produzido traz elementos relevantes para uma análise da contribuição juvenil para significações da escola como espaço de entrelaçamentos e tensões entre formas de ver e estar no mundo, escola como espaço-tempo de culturas, se opondo a um olhar que vê a escola simplesmente como um espaço de instrução. A noção de entre-lugar, de Homi Bhabha, é resgatada aqui para pensar a escola como espaço/tempo permeável a todas as manifestações políticas, sociais e culturais, não sendo isolada pelos seus muros. Para analisar as imagens das escolas, contaremos com as nossas leituras de Roland Barthes, Ernest Manguel e Boris Kossoy entre outros.

**Palavras-chave:** Escola. Imagem. Liberdade. Cotidiano

O projeto *Deixa a Escola falar*- redes de conversa e autorrepresentação sobre escolas políticas e cotidianos, iniciado em 2016, consistiu na organização de um laboratório de imagens e sons em uma escola pública do Ensino Fundamental no Andaraí, Zona Norte do Rio de Janeiro. Os estudantes desta escola foram convidados a

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. Niveandrade1@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda de licenciatura em História, bolsista de Docência em História, pelo projeto *Deixa a Escola Falar*- redes de conversa e autorrepresentação sobre escolas políticas e cotidianos. Universidade Federal Fluminense. beatrizmsouza@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda de licenciatura em História, participante do projeto *Deixa a Escola Falar*- redes de conversa e autorrepresentação sobre escolas políticas e cotidianos. Universidade Federal Fluminense. juliagafc@hotmail.com

produzirem imagens e sons a respeito da temática da liberdade na escola. Para a pesquisa, foram envolvidas três turmas escolhidas pela própria direção da escola, turmas que, segundo a própria direção, resistiam às regras do sistema escolar. No total, sessenta estudantes participaram do projeto.

A atividade de pesquisa/extensão tinha três etapas. A primeira consistia na produção de imagens sobre liberdade na escola. Nesta etapa, os jovens andavam pela escola com máquinas fotográficas, produzindo fotos do que entendiam como 'liberdade na escola'.

A segunda etapa, ocorria no mesmo dia de cada rodada de imagens. Nesta etapa, as fotografias produzidas naquele dia, eram expostas através do datashow para serem debatidas pelos próprios estudantes que fizeram as imagens. Esta etapa, portanto, consistia em uma roda de conversas sobre o que seria a liberdade na escola. A imagem, neste momento, atuava como um detonador de conversas, um elemento provocador.

A terceira e última etapa foi a exibição destas fotos para toda a comunidade escolar, através de uma exposição, onde todos e todas poderiam se sentir convidados a discutirem sobre o que seria a liberdade na escola.

Ao entregar a esses jovens, câmeras fotográficas para que eles registrassem aquilo que lhes despertava o olhar sobre o que era ser livre na escola, esses meninos e meninas nos convidavam a pensar na escola como um entre-lugar de culturas e conhecimentos. Para refletirmos sobre este convite feito pelos jovens fotógrafos, nos utilizamos da noção de entre-lugar de Homi Bhabha, que nos alerta:

o que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses 'entre-lugares' fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetividade - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 20).

Neste sentido, buscamos pensar a escola como um espaço/tempo de permanente diálogo, entrelaçando e tensionando culturas e conhecimentos. Chamamos aqui atenção para a urgência de pensarmos a escola como espaço/tempo de cultura, e neste sentido, defendemos que o Encontro de Estudos Multidisciplinares de Cultura é um espaço fértil para encontrarmos significados contra-hegemônicos de escola.

Perambulando entre culturas e conhecimentos, o projeto Deixa a escola Falar possibilitou a criação de 200 registros imagéticos sobre liberdade na escola. Estes registros foram produzidos pelos estudantes da escola, em encontros semanais, com duração de seis meses para cada uma das turmas. Desse total, os próprios alunos escolheram, em uma roda de conversa as fotos mais expressivas, selecionando vinte imagens que compuseram a exposição na entrada do colégio.

Depois que os alunos produziam as imagens, todos se reuniam para um momento de exibição e conversa sobre o que havia sido produzido. Essa metodologia dialógica realizada nas rodas de conversa com os alunos envolvidos no projeto e os pesquisadores foi fundamental para reforçar o pensamento dos alunos como protagonistas desse processo através, não somente das imagens produzidas, mas também das narrativas envolvidas.

Partindo desse breve resumo da pesquisa, o que pretendemos realizar nessas próximas linhas é compartilhar algumas reflexões a partir das imagens produzidas por estes alunos. Nossa intenção não é buscar entender o porquê, ou o que motivou cada jovem fotógrafo a realizar essas representações, mas sim expor o que cada uma dessas fotos nos punziu e como isso pode ser um disparador para pensar o que é ser livre na escola, compreendendo a escola para além da ideia de um espaço de formação linear, e instrução de conhecimentos selecionados. Buscaremos mostrar que a escola é tensão e disputa entre várias formas de agir e pensar. E portanto, espaço de entrelaçamento cultural. Para esta nossa análise, vamos contar com as nossas leituras de *A Câmara clara*, de Roland Barthes; *Lendo Imagens*, de Ernest Manguel; e *Realidades e ficções na trama fotográfica*, do Boris Kossoy.

Desenvolvendo uma análise filosófica da fotografia a partir de sua relação com um conjunto de imagens, Roland Barthes, ressalta dois elementos que configuram uma relação entre o *spectator* (aquele que observa), o *operator* (aquele que fotografa) e a fotografia. O primeiro elemento é o campo de observação que percebe a fotografia a partir de um saber específico, uma cultura, uma informação. Trata-se dos filtros ideológicos e sociológicos. Para Barthes, *desse campo são feitas milhares de fotos, e por essas fotos posso, certamente, ter uma espécie de interesse geral, às vezes emocionado, mas cuja emoção passa pelo revezamento judicioso de uma cultura moral e política* (BARTHES, 1984. p. 45). A este movimento que aplica a fotografia um conhecimento, Barthes chamou de *studium*, ao escrever sobre isso:

*reconhecer o studium é fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las, discutí-las em mim mesmo, pois a cultura (com que tem a ver o studium) é um contrato feito entre os criadores e os consumidores. O studium é uma espécie de educação (saber e polidez) que me permite encontrar o Operator, viver os intentos que fundam e anima suas práticas, mas vivê-las de certo modo ao contrário, segundo meu querer de Spectator.” (BARTHES, 1984. p 48).*

Já o segundo elemento da observação, aquele ao qual Barthes dedicou boa parte de sua análise, trata-se de um movimento contrário. Diz ele: *nessa vez, não sou eu que vou buscá-lo (como invisto com minha consciência soberana o campo do Studium), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. Trata-se do movimento de observação que parte de um detalhe da foto, chamando atenção do Spectator, mais do que isso, arrebatando o observador. Para este campo, Barthes escolheu a palavra latina Punctum, por designar uma ferida de instrumento pontudo, remetendo igualmente à ideia dos pontos que, agrupados, formam a fotografia. O autor nos explica:*

*a esse segundo elemento que vem contrariar o Studium chamarei de Punctum; pois Punctum é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte - e também lance de dados. O Punctum de uma foto é esse caso o que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere). (BARTHES, 1984, p. 46).*

Buscaremos portanto, aquilo que punge nas imagens produzidas na escola, aquilo que nos obriga a pensar a escola, rompendo com ideias já estabelecidas. O punctum desestabiliza os nossos padrões e nossos conceitos prévios, permitindo produzirmos outras narrativas para a mesma imagem, para a mesma escola.

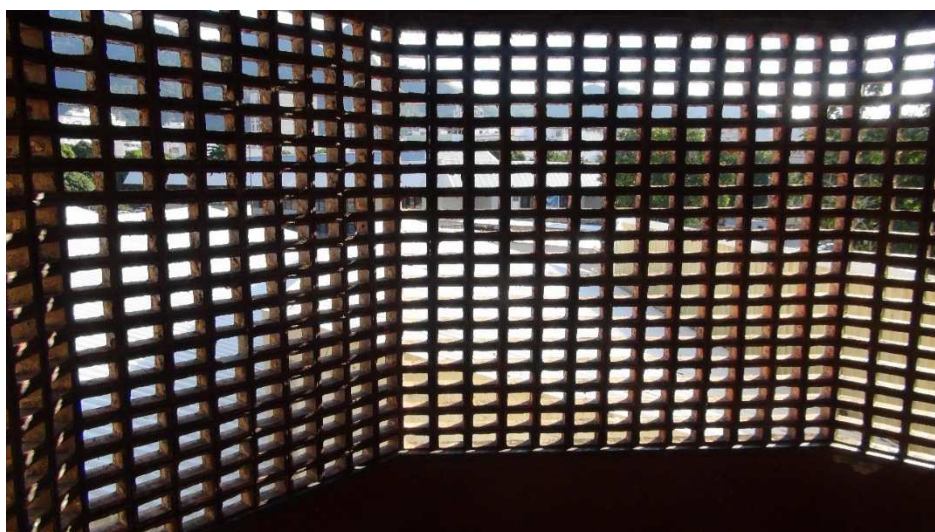
Neste ponto, lembramos de Manguel, ao ressaltar que

*quando lemos imagens - de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas -, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e,*

*por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável.* (2008, p. 27).

Apesar de desconfiarmos um pouco da expressão *ler imagens* na medida em que a nossa relação com a imagem se estabelece através de um estatuto diferente da leitura das letras, compreendo as imagens que aqui serão apresentadas como pertencentes ao caráter temporal da narrativa. Ainda que desconheçamos os personagens e objetos representados numa imagem, buscamos sempre os nossos referenciais, as nossas imagens registradas na memória que permitem situar aquela imagem num contexto narrativo. Kossoy enfatiza a natureza polissêmica das imagens, por serem apreciadas a partir de imagens mentais já existentes e que assumem a função de filtros ideológicos, culturais, morais, éticos, entre outros. *Tais filtros, ‘todos nós os temos’, sendo que para cada receptor, individualmente, os mencionados componentes interagem entre si, atuando com maior ou menor intensidade,* diz ele (2002, p. 44). Propomos, portanto, conversar com algumas imagens de escola, buscando compreender os processos de significação e construção desta liberdade.

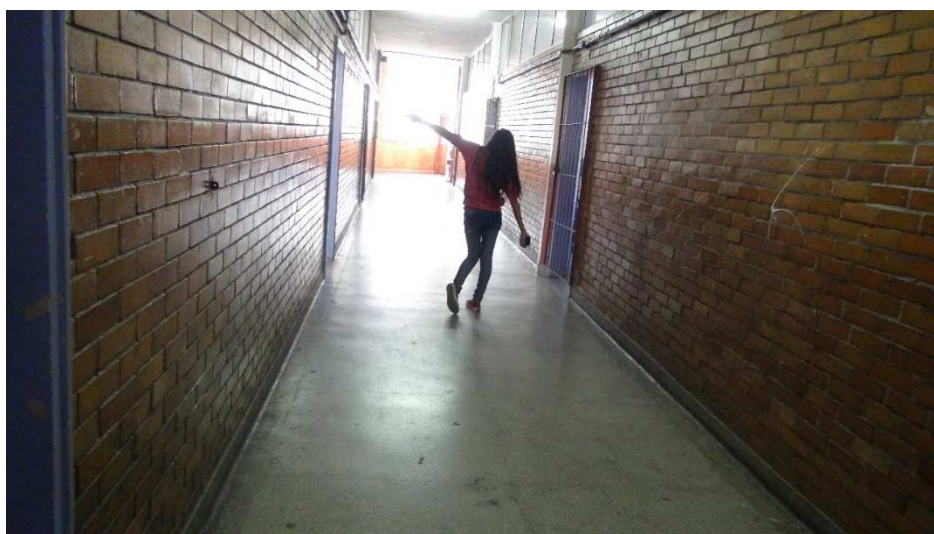
### ***De onde vem a luz da escola?***



A imagem da parede vazada, nos autorizando a pensar em um interior "livre de luz" e toda uma vida preenchida de cor fora dos muros vazados da escola foi uma das vinte imagens escolhidas pelos estudantes para compor a exposição "O que é livre na



escola”. A contraposição de iluminação da foto nos fez pensar que a liberdade é algo que está fora da escola e o fato do fotógrafo representar isso de dentro (do escuro) para fora carrega em si um simbolismo que nos motivou a indagar a autora das imagens, qual a relação entre esta e a liberdade: *É liberdade porque o sol atravessa a parede. É livre. Entra a luz.* – responde a jovem fotógrafa, de 13 anos. Ainda sobre a luz, vejamos a próxima imagem.



No primeiro plano uma imagem escura, uma construção fria e impessoal, onde os tijolos e as grades nos saltam aos olhos em contraponto à iluminação que vem novamente de fora. A "luz no fim do túnel" nos remete a uma ideia da escola como esse corredor apático, de um presente apenas como caminho, preterido pela busca de um futuro - mas que futuro seria esse? Qual seria então o papel social da escola? Contudo, não só a presença da aluna no meio do corredor, mas sua linguagem corporal descontraída e relaxada parece desconstruir essa visão de uma escola que renuncia ao presente em prol de um futuro bem sucedido - mas o que corresponde à sucesso para estes jovens?

Talvez o que nos tenha motivado a unir numa mesma reflexão essas duas imagens tenha sido o fato de que, em ambas, a contradição apareça como um forte elemento no que diz respeito a liberdade no espaço escolar. Ao mesmo tempo que na primeira foto a liberdade, a partir do nosso olhar, se apresente como algo externo a escola, para a fotógrafa a liberdade perpassa as barreiras e entra na escola. E seguindo nessa lógica

contraditória, a segunda imagem se mostra como uma via de mão dupla onde o corredor se apresenta como um delimitador de liberdade e a postura da aluna como vivência de liberdade.

Deparamo-nos, mais uma vez, com o *punctum* proposto por Barthes.

*nesse espaço habitualmente unário, às vezes (mas, infelizmente, com raridade) um 'detalhe' me atrai. Sinto que basta sua presença para mudar minha leitura, que se trata de uma nova foto que eu olho, marcada a meus olhos por um valor superior. Esse 'detalhe' é o punctum (o que me punge) (BARTHES, 1984. p. 68).*

As imagens dos jovens fotógrafos do projeto *Deixa a escola falar* nos provocam um olhar para a escola que desvia do hegemônico, um olhar que compreende a escola como o entre-lugar, onde são disputados os significados para a vida e as visões de mundo, disfarçadas sob o nome de currículo.

### ***É hora de brincar: um, dois, três tá com o muro!***

Ainda que a escola, por diversas vezes, ordene os corpos, as mesas e cadeiras de maneira simétrica, nossos jovens estudantes sempre nos ensinam que estas ordenações buscam enquadrar, oprimir, homogeneizar a vida daqueles que buscam viver as suas diferenças. Por isso, sempre nos permitem conviver com uma mesa que insiste em não seguir a ordem, atravessando a sala, enviesando a ordem estabelecida.

Estes estudantes ocupam muitos outros espaços para além da sala de aula, espaços por vezes, inimagináveis para a grande parte dos docentes. Interditos que são permanentemente e ludicamente visitados. E quando perguntados sobre a razão destes percursos aéreos, os jovens respondem: *brincamos de pique-pegas na árvore*.

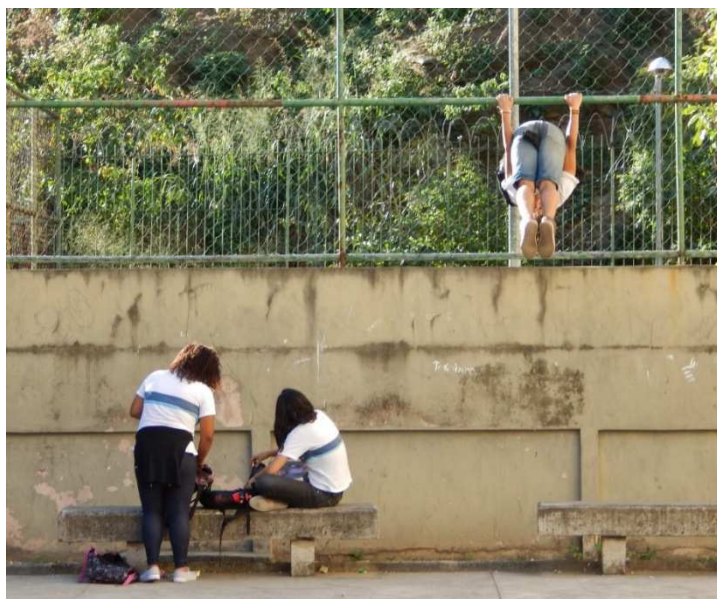


Para refletirmos sobre esta temática, temos duas novas imagens que, diferentemente das anteriores, apresentam o espaço externo da escola repleto de luz. O mesmo muro, acinzentado, e as grades que o complementam poderiam ser apenas mais um símbolo de controle da escola, mas o que nos instiga nas duas fotos foi o fato de que a partir da ação dos estudantes, esses elementos foram ressignificados. O muro que tem o intuito de proteger e controlar se torna, nesta imagem, o portal da brincadeira, expandindo o espaço escolar.

É interessante o fato de que o portal que os alunos estão prestes a atravessar tenha como horizonte uma imponente árvore que já guarda suas mochilas e mais um colega para brincar (no alto da árvore, de casaco azul), mostrando que a liberdade só existe ao ser construída e compartilhada, sempre coletiva como nos propõe Paulo Freire (2003), como coletiva é a brincadeira.

E na imagem a seguir o muro/grade se torna a própria brincadeira. O que é para proteger, se torna espaço de criar, espontaneamente, dando um novo sentido ao elemento, expandindo os limites do espaço escolar.





Não se trata de uma fuga da escola. Eles bem sabem como fugir e usariam mil maneiras, se desejassem. Estão, porém, ampliando os *espaçotempos* das escolas, nos ensinando que sala vazia de gente não significa escola vazia de vida. Desafiam os limites do que muitos chamam de fora da escola, mostram-nos que embora repletas de muros e grades, justificadas por um anseio de proteção e controle, as escolas vivenciam o que os estudiosos dos cotidianos chamam de *dentrofora*, pois, manifestações culturais, econômicas e políticas supostamente alheias ou exteriores às escolas, atravessam permanentemente esses muros.

E o que se *aprendeensina* nestes *espaçotempos* desafiadores? Em primeiro lugar, se *aprendeensina* que estes *espaçotempos* não comportam o pleno controle do corpo. O professor não está em pé, em frente ou acima do aluno que o observa sentado, como seria em muitas salas de aula. Nesta imagem, o estudante observa o mundo de outra perspectiva, do alto da escola e por vezes, de cabeça para baixo. As conversas desenvolvidas nesta posição seriam conversas marcadas pelo rompimento da geografia *tradicional* da sala de aula. Sendo mestres explicadores, conseguiríamos conversar nesse *espaçotempo* tão comum para os jovens desta escola? Sabemos desenvolver conversações sem estarmos no centro do processo, como explicadores ou mediadores?

Outro *aprendizadoensino* presente nesta prática de escalar muros está na compreensão de que muros podem e devem ser ultrapassados. O que diria a população

de Berlim em 1989 sobre a derrubada de muros? O que hoje pensam os mexicanos, os palestinos ou os moradores das favelas próximas a condomínios na zona sul e oeste da cidade do Rio de Janeiro sobre os muros que os segregam? Nossos jovens fotógrafos da escola nos estimulam a pensar sobre as táticas que subvertem as significações destes muros e nos convidam a ultrapassá-los. Estamos preparados para tal? Ou pensamos os muros como nossa proteção?

Em um terceiro movimento desse projeto (o primeiro era a produção de imagem; o segundo, a roda de conversa), os jovens fotógrafos circularam pela escola com as fotografias dos colegas pendurados nos muros e grades, convidando outros discentes e docentes a comentarem, apresentando suas análises, em um exercício de conversa sobre a escola, tendo a imagem como mote. Nesta experiência, uma reação comum dos docentes que analisaram essas fotos na escola foi temer pela queda dos meninos. Reação de proteção, de medo do outro ser ferido, atingido. Medo que produz o desejo de separar o dentro e o fora da escola para controlar os espaços internos, antevendo todos os passos dos jovens. Medo da perda de controle.

Sobre os nossos medos tão comuns nas escolas, Silvio Gallo cita o filme *A Vila* (*The Village*, 2004)<sup>4</sup>, de Night Shyamalan para indagar-nos

[...] em que medida não fazemos de nossas escolas, de nossas salas de aula, espaços fechados, como essa vila de Shyamalan, tentando impedir que as crianças e jovens experimentem o mundo, com medo do terror e da violência? Em que medida não é o nosso próprio medo que é transformado no medo de todos garantindo coesão de nossa vida em comum, para além de qualquer possibilidade de assumir os riscos, de ir além, de superar-se e deparar-se com o novo? (Gallo, 2009, p. 20).

Mais adiante em seu texto, o autor ainda nos indaga: “Em que medida não desejamos a repressão, não reprimimos o desejo do novo, a curiosidade pelo diferente, em nome do amor e proteção?” (Gallo, 2009, p. 27).

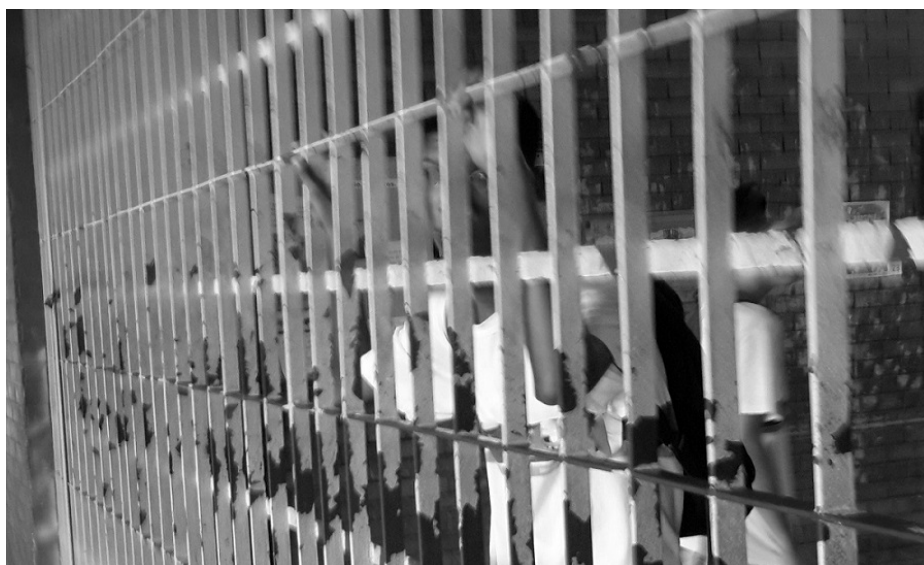
---

<sup>4</sup>Do original *The Village*, o filme *A vila*, de 2004, narra a história de uma comunidade tranquila que vive isolada do mundo supostamente durante o século XIX.

Observar as imagens dos nossos jovens fotógrafos – e observar aqui significa olhar por diversas vezes, se perguntando sobre o que nos punge – nos possibilita aceitar as provocações de Silvio Gallo com outras indagações: em que medida este medo que protege, ao mesmo tempo que oprime, não é desafiado cotidianamente? Quantas são as vezes que nossos jovens estudantes encontram percursos diferenciados para burlar os interditos? Quantas são as vezes que os jovens nos provocam a pensar que aquilo que buscamos distanciar da escola (a chamada violência, a sexualidade, o discurso ideológico e religioso entre outros) se faz sempre presente?

Se há medo e/ou opressão, a vida que pulsa e caracteriza os cotidianos escolares produz táticas que não se subordinam completamente ao poder. Táticas que se configuram como o maior interesse dos estudos com os cotidianos (Certeau, 1994).

O medo ergue muros e grades na escola. Grades na entrada, grades nas salas de aula, grades nos equipamentos, justificadas pelo medo do roubo, da invasão do estranho ou da fuga.



Em várias imagens produzidas pelos estudantes que participaram do projeto, as grades aparecem. Uma fotografia da fechadura, um estudante escalando a grade, outros dois abrindo a grade da porta. Sobre esta imagem anterior, o jovem fotógrafo explicou: *liberdade aqui é de quem está fotografando.*

A escola que produz a liberdade criativa do fotógrafo é a mesma que cerceia a liberdade do estudante por trás das grades. Por outro lado, sabemos que a grade é considerada para muitos, uma das poucas formas de proteção contra roubos, furtos e entradas de pessoas não autorizadas. Portanto, como superar esta contradição do muro que segrega, cerceia a liberdade e protege?

A imagem do menino atrás das grades incomodou a muitos docentes, discentes e outros trabalhadores da escola. Incomodou especialmente porque a grade sempre esteve naquele lugar, mas era considerada por muitos um elemento quase que naturalizado, necessário, enquanto que para outros era uma violência. Sobre esse tema, gostaríamos de nos ater a uma história sobre as grades daquela escola, e optamos por escrever na primeira pessoa do singular, já que embora a pesquisa seja um projeto coletivo, a história que contaremos aconteceu com uma das autoras deste texto, quando ainda era professora da escola básica.

Era o meu primeiro dia de aula, e havia me surpreendido com tantas grades na escola, separando corredores, protegendo um andar do outro, nas portas de cada sala de aula. Um grupo de estudantes que também estava recém-chegado me interpelou: *não somos bichos para vivermos em jaulas!*

Prontamente, concordei, e abri o cadeado para termos nossa primeira aula. Ao me virar para escrever meu nome no quadro, dois estudantes desapareceram. Achei estranho. Poderia ter contado errado. Continuei falando e me virei novamente para escrever mais algumas palavras. E mais alguns estudantes desapareciam como se houvesse uma magia. A cada virada, eles fugiam. Percebi que não bastava abrir cadeados ou desfazer as grades. Era preciso produzir novas relações, mais emancipatórias, menos opressoras, com mais protagonismo e menos proteção para que pudéssemos romper de fato com as grades.

E agora, pesquisadora na mesma escola, me encontrava novamente diante das grades através das imagens dos estudantes. Como romper com estas? Por um tempo, nós praticantes daquele projeto de pesquisa, debatemos sobre a importância de um projeto que fosse de fato um projeto de extensão da universidade na escola, superando a hierarquia entre um saber produzido pela universidade que se pretende superior e o saber docente na escola básica que, por sua vez, se pretende superior ao saber discente. A grade nos empurrava para este questionamento, enquanto os jovens estudantes nos motivavam à ação.

Continuaram levando as imagens para outros docentes e discentes da escola analisarem. Essas imagens acabaram gerando incômodos, motivando a equipe da pesquisa a organizar uma exposição com as imagens para transformarem a grade em uma pequena galeria de arte.

O que nos importa neste momento é a compreensão de que as transformações produzidas nas escolas são fruto das conversações entre docentes, discentes e toda a comunidade escolar através de uma relação que busca a horizontalidade, ao contrário de propostas vindas de cima (seja o *de cima* visto como a Secretaria de Educação ou visto como a Universidade) para baixo.

Ao se resignificar, repensando as suas grades pelas imagens estudantis, essa escola foi além de uma pedagogia explicadora (Rancière, 2013), encontrando nas imagens e nas conversas sobre elas, espaços de disputa política e produção democrática.

Refletindo sobre as grades segregadoras, a escola se reconhecia como entre-lugar, como atravessamentos, como encruzilhadas de ideias, conhecimentos, culturas, maneiras de ser e estar no mundo.

#### Referências:

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Paz e Terra, 2003.

GALLO, Silvio. A Via: microfascismo, fundamentalismo e educação. In: GALLO, Silvio; VEIGA-NETO, Alfredo José da (Org.). *Fundamentalismo e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. P. 17-35.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Ed, 1999.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.